

ENTRE TEORIA E PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DA GINÁSTICA EM DIFERENTES REALIDADES ESCOLARES

RESUMO

O presente relato apresenta a experiência de ensino da ginástica em duas escolas públicas de Pernambuco, realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do estágio supervisionado, com turmas do Ensino Fundamental e Médio. A Educação Física escolar é essencial para a formação integral dos estudantes, abordando diversas áreas da cultura corporal, entre elas a ginástica, que contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Contudo, o ensino da ginástica enfrenta desafios estruturais e pedagógicos, como falta de materiais, espaços inadequados e ausência de formação específica docente, necessitando de flexibilidade e criatividade no planejamento e execução das aulas. Este estudo, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, utilizou diários de campo e planos de aula para analisar as práticas pedagógicas em contextos distintos: uma escola desenvolveu aulas práticas para alunos do Ensino Fundamental, enquanto a outra adotou uma abordagem teórica para o Ensino Médio, em razão de limitações físicas e de materiais. A metodologia permitiu compreender as estratégias e os obstáculos enfrentados, evidenciando como as condições estruturais influenciam o ensino da ginástica. Os resultados apontam que as aulas práticas favoreceram o engajamento, a criatividade e o desenvolvimento motor dos estudantes, enquanto a abordagem teórica, por meio de recursos visuais e metodologias participativas, ampliou a compreensão conceitual e histórica, preparando os alunos para futuras práticas.

Palavras-chave: Ginástica, PIBID, Educação Física, Estágio.

INTRODUÇÃO

A Educação Física, como componente curricular da Educação Básica, desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes, promovendo o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais. De acordo com Silva (2013), a Educação Física no ambiente escolar tenta, através da prática pedagógica, ensinar formas de conhecer o corpo, suas limitações, suas potencialidades e a construção de uma identidade, isso estando inserida em um contexto sócio cultural da realidade de cada local.

A Educação Física escolar apresenta, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seis unidades temáticas dentro da cultura corporal: danças, jogos e brincadeiras, ginástica, lutas, esportes e práticas corporais de aventura. Dentro desse amplo campo de saberes, a ginástica ocupa um lugar de destaque. Segundo Silva (2012), a ginástica no contexto escolar possibilita diversas formas de práticas corporais e expressões, atuando no desenvolvimento físico, psicológico e social.



No entanto, o ensino da ginástica nas escolas ainda enfrenta desafios significativos, como destacado por Darido e Rangel (2005), dentre eles a limitação de espaços físicos, a desvalorização da disciplina, a escassez de materiais e, muitas vezes, a falta de formação específica docente. Esse cenário acaba por comprometer e, às vezes, inviabilizar as aulas. Em meio a essas adversidades, a experiência de ensinar ginástica nas escolas públicas revela realidades bastante distintas, especialmente quando comparamos contextos onde predominam aulas práticas com aqueles em que a abordagem é majoritariamente teórica.

Nesse sentido, o presente relato tem como objetivo apresentar a experiência de ensino da ginástica em duas escolas públicas de Pernambuco, realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do estágio supervisionado, com turmas do Ensino Fundamental e Médio. Para além destes, possui como objetivos específicos: descrever as características estruturais das duas escolas onde foram desenvolvidas as experiências de ensino da ginástica; identificar as estratégias pedagógicas adotadas nas aulas de ginástica em contextos distintos, com foco teórico-prático, e refletir sobre as diferentes abordagens no processo de ensino-aprendizagem da ginástica.

Acredita-se que este trabalho pode contribuir para a ampliação do olhar sobre as práticas pedagógicas em Educação Física, reforçando a contribuição docente frente à adaptação às realidades escolares e do compromisso com uma formação corporal crítica e significativa para os estudantes.

METODOLOGIA

O presente relato de experiência tem caráter descritivo, tratado por Nunes, Nascimento e Alencar (2016) como o tipo de pesquisa onde é realizado o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico ou social. A abordagem adotada foi qualitativa, que, como destaca Minayo (2014), trabalha com diversos significados, aspirações e motivos, buscando entender de fato todo o processo, não os reduzindo à operacionalização de variáveis.

Assim, este relato apresenta as vivências realizadas no âmbito do PIBID e do estágio supervisionado em duas escolas públicas da rede básica de ensino, localizadas no estado de Pernambuco. As atividades foram desenvolvidas entre março e junho de 2025, durante as práticas pedagógicas voltadas aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio.



As vivências foram realizadas, conforme supracitado, em duas escolas da rede pública de ensino. Em uma das instituições, as aulas de ginástica foram conduzidas de forma prática para estudantes do 6º e 7º ano, com maior liberdade corporal e envolvimento físico dos estudantes; na outra, as aulas ocorreram de maneira teórica, para turmas do 2º ano médio, com foco em conteúdos históricos, conceituais e metodológicos.

As atividades, aplicadas pelos bolsistas do PIBID, foram acompanhadas por professores supervisores responsáveis por recebê-los em sala de aula, compartilhar suas experiências profissionais e contribuir diretamente para o processo de ensino-aprendizagem. A equipe de acompanhamento também contou com a presença de professores e coordenadores de área, que atuaram, entre outras funções, como mediadores entre os participantes, oferecendo suporte pedagógico, esclarecendo dúvidas e contribuindo para a formação dos futuros docentes.

A primeira experiência ocorreu em uma escola de Ensino Fundamental, com turmas do 6º e 7º ano. Nessa instituição, foi possível realizar experimentações corporais a partir do conteúdo ginástica, utilizando uma sala com tatames e alguns materiais disponíveis, como colchonetes, cones e arcos. A proposta metodológica priorizou vivências corporais e experimentações de movimentos ginásticos básicos, com foco em aspectos como equilíbrio, força, flexibilidade e coordenação.

Já a segunda experiência foi desenvolvida em uma escola de Ensino Médio, com turmas do 2º ano. Nessa realidade, a ausência de espaço físico adequado e de materiais impossibilitou a realização de aulas práticas. Diante disso, optou-se por uma abordagem teórica, com aulas expositivas dialogadas, uso de vídeos, discussões em grupo e atividades escritas. Os conteúdos abordam a história da ginástica, suas diferentes modalidades, objetivos, importância e benefícios.

As intervenções pedagógicas foram planejadas com base nos documentos curriculares oficiais, como a BNCC, no currículo da rede municipal e nos planos de ensino das respectivas escolas, além de referenciais teóricos sobre o ensino da ginástica. Foram utilizados diários de campo e planos de aula como instrumentos para documentar e analisar as experiências. Esses registros serviram como base para as reflexões apresentadas neste artigo, respeitando o caráter formativo da pesquisa e o papel da prática escolar como componente essencial da formação docente.



REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Física escolar é um componente essencial da formação integral dos estudantes, pois promove o desenvolvimento de competências motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Segundo Soares *et al.* (1992), a Educação Física deve ser compreendida como uma disciplina que trabalha com a cultura corporal, sendo responsável por tematizar as práticas corporais e contribuir para a formação crítica e emancipatória dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular reconhece a Educação Física como parte da área de Linguagens e organiza seus conteúdos em seis unidades temáticas: jogos e brincadeiras, esportes, danças, ginásticas, lutas e práticas corporais de aventura (Brasil, 2018). Cada uma dessas áreas, na sua tematização pedagógica, como defende Bracht (2003), contribui para que os estudantes desenvolvam uma compreensão crítica e participativa das práticas corporais em sua dimensão histórica, social e cultural. Tal junção, então, é aliada na busca docente para a formação integral dos sujeitos para a sociedade.

Dentre as manifestações da cultura corporal, a ginástica destaca-se pela diversidade de modalidades e pelo seu potencial educativo. De acordo com Betti e Zuliani (2012), quando abordada pedagogicamente na escola, a ginástica contribui para o desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas e sociais, promovendo a valorização do corpo em suas múltiplas expressões. No contexto escolar, a ginástica pode ser trabalhada tanto por meio de práticas corporais quanto por abordagens teóricas que envolvem sua história, suas classificações e seus objetivos.

Entretanto, como apontam Bracht e Silva (2012), a presença da ginástica no currículo escolar ainda enfrenta diversos desafios. Um dos principais obstáculos é a carência de formação específica e continuada dos professores de Educação Física, o que compromete a qualidade da abordagem pedagógica e dificulta a implementação de práticas diversificadas e significativas. Além disso, há uma visão ainda estereotipada da ginástica como uma atividade puramente técnica e mecanicista, focada apenas na execução de movimentos padronizados e na busca por desempenho estético, o que restringe a compreensão de seu potencial educativo mais amplo.

A dicotomia entre teoria e prática no ensino da ginástica reflete uma questão mais ampla no campo da Educação Física. Para Betti e Zuliani (2002), o conhecimento corporal precisa ser compreendido em sua totalidade — vivenciado na prática e também tematizado





teoricamente —, pois é essa articulação, que possibilita uma aprendizagem significativa. Em situações em que a prática não é viável, é necessário buscar estratégias que mantenham o conteúdo relevante e conectado com a realidade dos estudantes.

Contudo, essa relação também pode ser prejudicada pela ausência ou insuficiência da teoria, que muitas vezes é negligenciada nas aulas, seja por falta de tempo, formação ou recursos. Como traz Souza Neto (2004), a ausência do componente teórico limita a compreensão crítica dos alunos sobre as práticas corporais, reduzindo-as a meras execuções físicas sem contextualização histórica, cultural e social. Assim, tanto as faltas da prática quanto da teoria comprometem o processo de ensino-aprendizagem, evidenciando a necessidade de um equilíbrio que potencialize o desenvolvimento integral dos estudantes.

Nesse sentido, a formação inicial docente, especialmente por meio de programas como o PIBID e os estágios supervisionados, torna-se fundamental para que os futuros professores desenvolvam competências pedagógicas capazes de lidar com diferentes realidades escolares. Segundo Tardif (2002), a prática docente é um saber que se constrói na experiência, na reflexão e no enfrentamento dos desafios do cotidiano escolar, e não apenas na formação teórica universitária. Assim, é demonstrado a importância da vivência em sala de aula, antes mesmo do fim da graduação, para que o futuro professor possa, de fato, estar preparado para o contexto escolar.

Dessa forma, ao analisar experiências de ensino da ginástica em contextos e realidades distintas, seja em turmas de anos diferentes ou em abordagens diferentes, é possível compreender como a articulação entre formação docente, currículo e realidade escolar pode ressignificar o ensino da Educação Física, tornando-o mais inclusivo, crítico e participativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vivências desenvolvidas no âmbito do PIBID e do estágio supervisionado possibilitaram a análise de duas realidades diferentes no ensino da ginástica no contexto escolar. Enquanto uma das escolas oferecia uma eletiva específica com foco em aulas práticas, a outra, devido a limitações estruturais, trabalhou a ginástica de forma exclusivamente teórica. Essa dualidade permitiu observar como a presença ou ausência da prática corporal, associada à abordagem teórica, interfere no processo de ensino-aprendizagem e na motivação dos estudantes.





Na primeira escola, as aulas ocorreram na eletiva de ginástica destinada aos estudantes do 6º e 7º ano. A instituição também oferecia outras eletivas, como futsal, percussão e atletismo. Observou-se que a maior parte dos estudantes era do sexo feminino, sendo a turma do 6º ano composta exclusivamente por meninas. Esse cenário se deve, em parte, a uma visão

estereotipada de que a ginástica é uma atividade “voltada para meninas”, o que reduziu o interesse dos meninos pela disciplina. As aulas aconteceram em espaços improvisados, geralmente na própria sala de aula dos estudantes, onde as carteiras e cadeiras eram afastadas para a colocação de tatames. Essa adaptação garantiu um ambiente seguro, possibilitando a execução dos movimentos com menor risco de impacto.

Ao longo do semestre, as aulas práticas de ginástica desempenharam um papel fundamental na vivência de diferentes modalidades, como a ginástica rítmica, acrobática, artística e calistênica. Essas experiências possibilitaram aos estudantes explorar o corpo, desenvolver habilidades motoras, ampliar a criatividade e descobrir novas formas de movimento.

Na ginástica rítmica, o uso de materiais mais simples — como fitas, bolas, arcos e cordas, muitas vezes improvisados ou trazidos pela preceptora — favoreceu a expressividade, a coordenação motora e a noção de ritmo. Já as práticas de ginástica acrobática, realizadas em duplas e trios, foram destacadas pela presença da cooperação, confiança e da construção de movimentos coletivos, com formações de pirâmides, equilíbrios e apoios que exigiam força, flexibilidade e comunicação.

A ginástica artística proporcionou a vivência de movimentos mais desafiadores, como saltos, rolamentos e deslocamentos, estimulando a superação de limites pessoais, o equilíbrio e a consciência corporal. Já a calistenia, utilizada como aquecimento, consistiu em exercícios funcionais com o peso do próprio corpo, como flexões, agachamentos e pranchas, promovendo força, resistência e mobilidade aos estudantes. O semestre foi concluído com uma apresentação coletiva, no evento final da escola, onde cada turma sintetizou as aprendizagens por meio de uma coreografia que reuniu elementos das diferentes modalidades estudadas.

Na segunda escola, com turmas do 2º ano do Ensino Médio, as vivências foram exclusivamente teóricas devido à ausência de espaço físico e materiais adequados que inviabilizaram a prática, mesmo de forma adaptada. O planejamento das aulas buscou





alternativas para o processo de ensino-aprendizagem, como exposições dialogadas, discussões em grupo e recursos audiovisuais.

As aulas foram planejadas objetivando a aprendizagem dos elementos centrais da ginástica, abordando sua história, fundamentos, regras e principais atletas, além de destacar a relevância cultural e esportiva de modalidades como a ginástica artística, a ginástica aeróbica esportiva e as ginásticas de competição. Após a exposição dos conteúdos, havia momentos de

debates, mediadas pelos bolsistas do PIBID, com o objetivo de estimular uma participação mais ativa e colaborativa dos alunos. Essa dinâmica mostrou-se eficaz, já que os estudantes, inicialmente pouco engajados, passaram a interagir e compartilhar suas impressões de forma mais significativa.

A adaptação para um formato exclusivamente teórico exigiu estratégias diversificadas para manter o interesse da turma. Foram utilizadas analogias, exemplos práticos e elementos de gamificação para tornar o conteúdo mais acessível e atrativo, incentivando os alunos a compreenderem as modalidades, mesmo sem vivenciá-las diretamente. Essa experiência evidenciou que, embora a ausência de prática corporal representa um desafio, é possível alcançar resultados positivos quando o conteúdo é trabalhado de maneira criativa e contextualizada.

A vivência como bolsistas do PIBID revelou a importância da flexibilidade pedagógica e da capacidade de inovação diante de limitações estruturais, reforçando a necessidade de o professor estar preparado para adaptar o ensino às condições reais da escola. Conclui-se que, apesar das restrições, as aulas teóricas proporcionaram uma compreensão mais ampla da ginástica como manifestação da cultura corporal, ao mesmo tempo em que prepararam os estudantes para uma futura vivência prática, consolidando a importância de metodologias que integrem teoria e prática de forma complementar.

Na escola com aulas práticas, o contato direto com a ginástica permitiu o desenvolvimento da coordenação motora, criatividade e cooperação entre os alunos, além de despertar maior interesse pelas aulas. Essa abordagem corrobora com os pressupostos da abordagem crítico-superadora, que propõe uma prática pedagógica centrada na vivência, reflexão e superação das desigualdades de acesso aos conteúdos da cultura corporal (Soares, *et al.*, 1992). Além disso, estudos mais recentes destacam que a prática da ginástica na escola deve envolver não apenas o ensino de técnicas, mas também o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e da expressão corporal dos estudantes (Reis, *et al.*, 2018).





Na escola com aulas teóricas, a utilização de metodologias ativas, como debates e gamificação, favoreceu a participação dos alunos e aprofundou a compreensão de aspectos históricos, técnicos e culturais da ginástica, reforçando a importância de estratégias diferenciadas para contextos com restrições estruturais (Ferraz e Bello, 2020). Segundo Silva e Gaya (2016), mesmo em situações de ausência de infraestrutura, o ensino da ginástica pode ser potencializado por meio de abordagens que valorizem o conhecimento prévio dos estudantes e

estimulem o pensamento crítico. Nesse sentido, autores como Souza Neto e Martins (2021) argumentam que o ensino da ginástica na escola precisa considerar as experiências dos alunos, promovendo vivências significativas que ultrapassem a mera repetição de movimentos técnicos.

A análise das duas experiências evidenciou que o ensino da ginástica, para ser efetivo e motivador, precisa equilibrar vivência prática e compreensão teórica. Enquanto na escola com aulas práticas houve maior engajamento e entusiasmo, a teoria foi trabalhada de maneira superficial. Já na escola com aulas teóricas, os estudantes ampliaram seu conhecimento conceitual, mas sentiram falta da experimentação corporal. Esses resultados confirmam a afirmação Almeida e Fensterseifer (2014), que defendem que prática e teoria devem ser compreendidas como dimensões interdependentes e complementares na construção de todo o conhecimento. Do mesmo modo, Kunz (2010) e Darido (2021) ressaltam que a aprendizagem significativa se fortalece quando o aluno compreende o conteúdo e consegue vivenciá-lo corporalmente.

Assim, os resultados demonstram que, mesmo diante de desafios materiais, é possível promover uma aprendizagem significativa ao adaptar as estratégias pedagógicas, mantendo a qualidade do ensino. A articulação entre teoria e prática mostrou-se essencial para a valorização da ginástica como conteúdo da Educação Física escolar, contribuindo para a formação integral dos estudantes, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Dessa forma, reforça-se a importância de o professor assumir uma postura investigativa e criativa, capaz de desenvolver práticas pedagógicas coerentes com a realidade da escola e com os princípios de uma educação emancipatória (Oliveira e Nascimento, 2020). Além disso, destaca-se a importância de adaptar as estratégias pedagógicas às condições





específicas de cada escola, buscando integrar essas dimensões para promover uma aprendizagem mais significativa e a formação integral dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que as experiências vivenciadas como bolsistas do PIBID e estagiários pode evidenciar a importância da flexibilidade pedagógica e da criatividade na adaptação das práticas docentes diante das limitações estruturais encontradas nas escolas públicas. Com base nessas vivências, foi possível descrever as características estruturais das duas escolas envolvidas, evidenciando como as condições físicas e materiais impactam diretamente na organização das aulas e nas possibilidades de vivência prática. Essa análise

reforçou a importância da flexibilidade pedagógica e da criatividade na adaptação das práticas docentes diante das limitações encontradas no cotidiano da escola pública. O que reforçou a necessidade de que os professores de Educação Física estejam preparados para ajustar suas estratégias de ensino conforme as condições reais do ambiente escolar, buscando sempre garantir a qualidade do processo de aprendizagem.

Observou-se que, mesmo diante da ausência de espaços e materiais para a prática corporal, a abordagem teórica, quando bem planejada e mediada por recursos diversificados, pode proporcionar uma compreensão ampla e crítica da ginástica como manifestação da cultura corporal. Essa preparação teórica é fundamental para que os estudantes estejam aptos a vivenciar futuras práticas com maior conhecimento e consciência dos aspectos históricos, sociais e culturais envolvidos.

Por outro lado, a aplicação das aulas práticas demonstrou o potencial de engajamento e desenvolvimento das habilidades motoras, além de promover aspectos afetivos e sociais importantes para a formação integral dos alunos. Assim, conclui-se que a articulação equilibrada entre teoria e prática é indispensável para o ensino efetivo da ginástica na Educação Física escolar.

Por fim, destaca-se que a inovação metodológica e a capacidade de adaptação docente são elementos-chave para superar os desafios cotidianos, possibilitando que, mesmo em contextos adversos, o ensino da ginástica contribua para a formação integral dos estudantes, valorizando essa importante área da Educação Física.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.; FENSTERSEIFER, P. E. A relação teoria-prática na Educação Física escolar: desdobramentos para pensar um “programa mínimo”. **Kinesis**, Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 157-167, dez. 2014.

BETTI, M.; ZULIANI, L.. **Ginástica geral na escola: possibilidades e desafios na prática pedagógica**. In: BETTI, M.; ZULIANI, L. (Org.). *Ginástica geral: princípios para a intervenção pedagógica*. São Paulo: Phorte, 2012. p. 75-98.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física e conhecimento da cultura corporal: da formação universitária à prática pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem: uma perspectiva crítico-superadora**. In: OLIVEIRA, V. M. de S.; GALLARDO, J. B. (Org.). *Educação Física: ensino e mudanças*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 33-44.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

DARIDO, S. C. **Educação Física escolar: conhecimentos e práticas pedagógicas**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2021

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERRAZ, O.M.; BELLO, A. A. D. L. Educação Física escolar e a formação cultural do corpo: contribuições da cultura corporal de movimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/wRZtnn3bYDCg6BnxqXyWRZP/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.





MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; ALENCAR, M. A. C. D. Pesquisa científica: conceitos básicos. ID on line. **Revista de psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 29, p. 144–151, 2016. DOI: 10.14295/online.v10i1.390. Disponível em: <<https://online.emnuvens.com.br/id/article/view/390>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

OLIVEIRA, L. R.; NASCIMENTO, J. S. Ensinar ginástica na escola: possibilidades pedagógicas frente aos desafios contemporâneos. **Revista Movimento**, v. 26, 2020.

REIS, H. H. B. *et al.* Ginástica na escola: desafios e possibilidades a partir da formação inicial de professores de Educação Física. **Motrivivência**, v. 30, n. 53, p. 1–16, 2018.

SILVA, A. R. da.; BRACHT, V. **A ginástica na escola: uma proposta para o ensino**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SILVA, R. C. da; GAYA, A. C. A. Ginástica na escola: uma proposta pedagógica para o ensino da ginástica artística com poucos recursos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 27, n. 3, p. 379–388, 2016.

SILVA, M. G.. **A importância da Educação Física como componente curricular da reeducação Básica na formação do cidadão do Ensino Fundamental: estudo de caso com alunos do 9º ano da Rede Pública Estadual da cidade de Resende/RJ**. In: Congresso de Educação Física de Volta Redonda. 2013.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA NETO, J. C. D. **Educação Física escolar: entre o discurso e a prática**. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA NETO, S.; MARTINS, C. R. Ginástica na escola: a relevância do conhecimento prévio dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 12, n. 2, p. 41–56, 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

